

TUDO ou NADA

Até onde pode ir um fotógrafo por uma boa imagem? Num tempo sem efeitos especiais nem Photoshop, a imaginação de Guy Bourdin não conhecia limites. Duas décadas após a sua morte, o documentário *When the Sky Fell Down – The Myth of Guy Bourdin* revela a história do homem que pôs a Moda a falar com a Arte. Por Rosário Mello e Castro.

Antes de Guy Bourdin, a Moda não sabia que sexo, crime e saltos altos combinavam tão bem. O nome do fotógrafo francês, que definiu a estética de páginas e páginas de editoriais e campanhas de publicidade, pode não fazer levantar sobranceiras tão imediatamente quanto Helmut Newton, mas isso não é mais do que uma coincidência. São dele as fotografias mais violentas e, ao mesmo tempo, mais glamorosas da história da indústria. Mulheres em posições comprometedoras ou fora do comum, cenas de violência cheias de humor e *sex appeal*, momentos de medo paralisante... E a Moda sempre como apontamento. Do mais luminoso dos pretos-e-brancos à mais vibrante das cores, cada imagem conta uma história – Guy só estava lá para a captar.

Guy Bourdin nasceu em Paris em 1928. Abandonado pela mãe (que descreve como “uma ruiva bem vestida e com a pele muito branca”), é adoptado por Maurice Bourdin com apenas um ano. Aos vinte, inicia o serviço militar na Força Aérea francesa, onde recebe as primeiras noções de fotografia. Sete anos mais tarde, estreia-se na *Vogue Paris*, publicando, entre outras, a imagem de uma modelo a posar num talho, por baixo de uma fila de cabeças de bezerros. Em quase quatro décadas de carreira, Guy Bourdin raramente deu entrevistas ou expôs o seu trabalho fora do contexto original.

Morreu em 1991, envolto em mistérios e rumores. Amado por uns, incompreendido por outros, como sempre acontece com quem gosta de desafiar os limites.

Realizado por Sean Brandt, fotógrafo e antigo assistente de Guy, *When the Sky Fell Down – The Myth of Guy Bourdin* quer desfazer todas as dúvidas. “Vamos repor a verdade”, diz-nos Brandt, que contou com a colaboração de Samuel Bourdin, filho do artista e gestor do seu património. Embora o filme só deva chegar às salas de cinema este ano, a ideia surgiu ainda em 2003. A primeira retrospectiva do artista acabava de chegar ao museu londrino Victoria & Albert quando Brandt se apercebeu do quão sensacionalista era a visão dos *media* sobre Guy. Para o documentário, foram realizadas entrevistas a cerca de 150 amigos, familiares, amantes e modelos, mas também a fotógrafos e a *designers* contemporâneos que de alguma forma se sentiram influenciados pelo trabalho do artista. Ao mesmo tempo, é acompanhada a luta que Samuel Bourdin trava para recuperar os direitos totais sobre o trabalho do pai.

Os testemunhos de nomes como Jerry Hall, Tom Ford, Nan Goldin, Karl Lagerfeld ou Terry Richardson voltam a comprovar o quão actual a estética de Bourdin se mantém. Não que fosse necessário. Veja-se a polémica campanha publicitária do perfume *Opium*, da Yves Saunt Laurent, em que Sophie Dall surge deitada e de pernas abertas, numa

fotografia com a assinatura de Steven Meisel; as lindíssimas imagens captadas por Nick Knight para as campanhas da Christian Dior; ou o vídeo do tema *Hollywood*, de Madonna, que valeu à rainha da *pop* uma acção legal por parte de Samuel Bourdin.

“As minhas fotografias não são mais do que acidentes. Não sou um realizador, apenas um agente do acaso”, disse uma vez Guy Bourdin. Mas a verdade é que as suas imagens eram pensadas ao pormenor. A começar pelos *castings*. “Guy adorava escolher caras novas e modelos que não eram modelos”, conta Sean Brandt. Sentava-se, com os óculos escuros *Aviator* a camuflar os movimentos dos seus olhos, e observava o comportamento das candidatas. Elegia quem lhe suscitava mais curiosidade e, dias mais tarde, as modelos eram chamadas para trabalhar sem saberem porquê.

Habituada às exigências de Bourdin, Jane Birkin era muito mais do que uma modelo “normal”. Para a actriz e cantora, cuja imagem marcou a Moda dos anos 60 e 70, fotografar com Bourdin era uma experiência intensa. “Trabalhar com ele transformava-me noutra pessoa”, recorda, em entrevista à *Vogue Portugal*. “Era como se a maquiadora me desenhasse uma nova cara.” Presença regular nas páginas das revistas, Birkin mantinha uma relação muito próxima com Bourdin, que descreve como “ora intempestiva, ora afectuosa”. Lidar com o seu ocasional mau génio era, no entanto, uma tarefa inglória. “Zangava-se com alguma frequência”, confirma, num tom enternecedor. Numa das últimas produções que fizeram juntos, “ele passou o tempo todo a dizer-me que eu não conseguia abrir os olhos como deve ser. Disse-me que as atrizes de Hollywood conseguiam abrir os olhos, o que me irritou tanto que acabei por deixar a produção”. Pouco tempo depois, o fotógrafo enviou-lhe um cartão com o desenho de um coração. “E a verdade é que aquelas fotografias ficaram mais bonitas do que nunca.”

São muitas as histórias semelhantes às de Jane Birkin que circulam na indústria, uma mais verdadeiras do que outras. Afinal, este foi o homem que passou vários dias a tentar mudar a cor do oceano, que pegou fogo a uma casa para fotografar as modelos a fugir e que, durante uma semana, tomou comprimidos para dormir apenas para conseguir sonhar mais. “Era fascinante a capacidade que o Guy tinha de transformar um vestido sem graça numa imagem de Moda incrível”, acrescenta Birkin. Sean Brandt identifica a mesma atracção pela fantasia. “As modelos nunca sabiam o que esperar dele, mas as mais inteligentes percebiam que entrar no seu mundo era a única solução.” Para o fazer, apenas tinham de aceder ao maior desejo de Guy: conseguir o impossível. ■



Fotografia de Guy Bourdin, publicada na edição de Dezembro de 1976 da *Vogue Paris*.